

## A adopção de participios passados fortes por verbos da 1ª conjugação

Anabela Barros  
(Universidade do Minho)

A língua portuguesa tem revelado uma tendência crescente para a adopção dos participios fracos originários do latim e para a formação de outros seguindo a mesma regra geral<sup>1</sup>, todavia, numerosas formas fortes mantiveram-se na sua categoria de participios do latim ao português arcaico, tendo algumas delas sobrevivido até hoje. Por outro lado, registam-se igualmente casos de formação de participios fortes já no português. As gramáticas históricas oferecem exemplos de muitas dessas formas, embora algumas não indiquem as fontes nem façam, na generalidade, a inventariação sistemática dos espécimes atestados, com base em *corpora* documentais cronologicamente representativos.

Este trabalho tem por base um *corpus* notarial dos sécs. XIII a XVI, da região norte e da zona de Lisboa, editado por A. M. Martins (1994), a que se acrescentaram os dados extraídos por C. Maia do *corpus* de *História do Galego-Português*. Investigaram-se ainda sistematicamente o *Dicionário de Verbos Portugueses do séc. XIII*, os cancioneiros medievais e respectivos glossários (edições de Nunes e Michaëlis), incluindo o das *Cantigas de Santa Maria* (Mettman), o Glossário de *La Traducción Gallega de la Crónica General y de la Crónica de Castilla* (Lorenzo), a *Crónica Geral de Espanha de 1344* (ms. do séc. XV), o *Glossário da Demanda do Santo Graal* (Magne), a *Crónica da Ordem dos Frades Menores*, o glossário das *Obras completas de Gil Vicente* (ed. de Pimpão) e o *Índice analítico do vocabulário de Os Lusíadas* (Cunha, 1966)<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Piel (1944: § 60) confirma a tendência do Português para optar por formas fracas em detrimento das fortes latinas, que de início se mantiveram em alternância com aquelas, para depois, em muitos casos, caírem em desuso ou continuarem na língua apenas como adjectivos ou substantivos: “Como sucede com o pretérito do perf., a língua tende a substituir as formas fortes por fracas: ao ant. *cinto* corresponde hoje *cingido*, e estão no mesmo caso *deseso/defendido*, *assolto/absolvido*, *nado/nascido*, *despeso/despendido*, *repeso/arrepido*. Modernamente, hesita-se entre *impresso* e *imprimido*, *enxuto* e *enxugado*, *extinto* e *extinguido*, etc. [...] Um número considerável de antigos participios fortes sobrevive como adjectivos: *estreito*, *farto*, *tinto*, *teso*, *raso*, ou substantivos: *jeito* < IACTUM, *chouso* < CLAUSUM, *cinto*, *despesa*, *devesa*, *conquista*, *colheita*, etc.”.

<sup>2</sup> Os resultados dessa pesquisa no que respeita a participios fortes para verbos da 1ª conj. foram organizados em tabelas que, por imperativos de espaço, não foi possível incluir nestas actas (vd. Barros, 2000, onde também se disponibilizam os respectivos contextos, de que neste trabalho apenas se incluem alguns exemplos). Não nos interessaram unicamente as formas que têm reconhecidamente na sua origem um étimo participial latino, somadas aos participios novos formados expressamente para essa função no português, dado que é normal surgirem nos textos arcaicos estruturas que mostram

No que concerne ao participípio passado, e sobretudo às formas fortes, a 1ª conjugação é um caso especial. Enquanto as restantes apresentam tipicamente numerosos pares de verbo e participípio forte com correspondência no latim, mantendo-se estes quer isolados (como *aberto* < *apertum*; *feito* < *factum*)<sup>3</sup> quer a par de formas fracas mais recentes (*tinto* < *inctum*, *tinjudo/-ido*; *preso* < *prehensum*, *prendudo/-ido*; *defeso* < *defensum*, *defendudo/-ido*; *nado* < *natum*, *nasçudo/-ido*), aquela oferece unicamente participípios fortes que resultaram de um curioso parasitismo ou, como segunda hipótese, de um comprovado mimetismo. Em geral, a conjugação mais comum no latim, e que se tornará cada vez mais rica no português, apresenta somente participípios fracos, que se geraram com a mesma facilidade com que a própria conjugação se reproduziu, quer por processos internos quer por ter recebido a maioria dos verbos que chegavam de outras línguas, além dos muitos que os falantes do latim preferiram a certas formas clássicas menos regulares. Contudo, quando nos deparamos com pares de verbo-participípio forte no português arcaico, ou então actualmente, verificamos que não correspondem directamente a pares latinos (ou, pelo menos, não a um par composto de verbo da 1ª conj. e respectivo participípio original), tendo origens diversificadas.

Assim, temos, em primeiro lugar, participípios latinos tomados de empréstimo a outra conjugação, sobretudo em *-ēre/ēre*. Sendo, não raramente, os responsáveis pela própria criação do verbo da 1ª conj., acabam por confundir-se com o respectivo participípio fraco, por estarem geneticamente relacionados<sup>4</sup>. Em segundo lugar, surgem participípios com base em adjectivos (ou algum part. presente). Trata-se essencialmente de formas latinas que, tendo dado origem a verbos, foram confundidas com

---

adjectivos, por exemplo, na mesma posição, função e acepção do participípio com o qual parecem revesar-se (pensemos em *seco*, *seguro*, *certo* ou *limpo*, que ainda hoje podem ter função participial – vd. Lobato, 1999: 124 ou Camara, 1979: 171). Vd., por ex., *cheio* na *Cr. dos Frades Menores*: 139.20. “e louvou muyto a Deus todo poderoso, o qual sem fogo matereali o avia **cheio** do seu escaemtamento tam aginha”. Ou, nos textos notariais mas também nos literários, *certo* em estrutura passiva no sentido de ‘informado, tornado sabedor’, e *cativo* no sentido de *cativado* (‘aprisionado’): N.XV2 “porquanto ffuj **certo** per gonçalo vaaz [...] que o dito prazo he fecto en proueito do dito mosteiro.” Cfr. N.XVI. “ssemdo prímeiro **Certificado** per ffees e asinados dos ssobredictos veedores e homes bõos que ho dicto casall apegarã,, que...”. *Cr. D. Pedro*: “e foram dos mouros mortos e **cativos**”; Cfr. *Frades Menores*: 350.11. “como em hüua batalha fossem **cativados** moy muytos mouros”. Da mesma forma, era comum o participípio desempenhar o papel de adjectivo, mesmo em contextos que hoje não admitem formas fracas enquanto tal: CSM – 5.76. “cran y **ajuntadas** de monjas mui mais ca cento”; 1438, Ferro2 – “que aposte os ditos baños et os **alimpe** ben... **alimpados** e apostados...”. *Frades Menores*: 250.5. “hüua dona de Anusio, que estava **prehada**”.

<sup>3</sup> Mesmo estas apresentam a possibilidade moderna da forma fraca (Lobato, 1999), já apresentada por Vasconcellos em 1900: *abrido*, *cobrido* e *escrevido* (seriam de facto usuais em inícios do século?).

<sup>4</sup> Ex.: *anexo*, antigo part. *annexus* ou *adnexus*, de *annectere*, pode alternar com *anexado* como part. de *anexar*, verbo novo a que deu origem; o verbo *frigere*, bem como o seu resultado galego-português da 3ª conj., *friger*, serão preteridos em favor de um da 1ª a que *frictus* deu origem, *fritar*. Este passará a adoptar, ao lado de *fritado*, a forma forte do verbo primitivo, *frito*; *soltar* dispunha já no séc. XIII da respectiva forma forte, com origem no part. *solutus* > \**soltus*, de *solvere*, que resultou *solver*, verbo de pouco uso. Mais uma vez, o part. de um verbo sem fortuna gera um novo verbo e mantém-se ao lado do respectivo part. fraco como forma forte *adoptiva*.

os seus participios fracos, substituindo-os em certos contextos<sup>5</sup>. Finalmente, existem participios *truncados*, formados pelo acrescento de *-o/a* (para alguns também *-e*) ao radical verbal (ex.: *côrto*, *ganho*, *gasto*, *baptizo* ou *pago*). O seu surgimento no latim vulgar e em distintas épocas da história do português fica provavelmente a dever-se à imitação de um modelo latino segundo o qual alguns participios de verbos simples eram adoptados por verbos deles derivados, aos quais cabiam participios de formação fraca<sup>6</sup>.

### 1. Formas presentes no *corpus* com origem em participios latinos.

1. <b>acceptus</b> ( <i>accipĕre</i> )	→ <b>acceptare-acceptatus</b> <i>accitar</i>	<b>aceitado/aceito</b> <sup>7</sup>
2. <b>annexus/adnexus</b> ( <i>annectĕre</i> )	→ <b>anexar</b>	<b>anexo/anexado</b>
3. <b>appositus</b> ( <i>apponĕre</i> )	→ ( <i>apōer</i> )/ <i>apostar</i>	<b>aposto/apostado</b>
4. <b>conquaestus</b> ( <i>conquaerĕre</i> )	→ ( <i>conquerer/-ir</i> )/ <i>conquistar</i>	<b>conquisto/conquistado</b> <sup>8</sup>
5. <b>cultus</b> ( <i>colĕre</i> )	→ <b>cultivare-cultivatus</b> ( <i>cultir</i> )/ <i>cultivar</i>	<b>culto/cultivado</b>
6. <b>crucifixus</b> ( <i>crucifigĕre</i> )	→ <b>crucificare-crucificatus</b> <i>crucificar</i>	<b>crucifixo/crucificado</b> <sup>9</sup>
7. <b>devotus</b> ( <i>devovĕre</i> )	→ <b>devotare-devotatus</b> <i>devotar(-se)</i>	<b>devoto/devotado</b>
8. <b>intentus</b> ( <i>intendĕre</i> )	→ <b>intentare-intentatus</b> ( <i>entender</i> )/ <i>e-/intentar</i>	<b>entento/e-/intentado</b>
9. <b>exemptus</b> ( <i>eximĕre</i> )	→ ( <i>eximir-eximido</i> ) / <i>isentar</i>	<b>isento/isentado</b>
10. <b>fartus</b> ( <i>farcĕre</i> )	→ <i>fartar</i> (cfr. fr. <i>farcir</i> )	<b>farto/fartado</b>
11. <b>fictus/fixus</b> ( <i>figĕre</i> )	→ <b>*fictare-fictatus</b> <i>fitar, fixar</i>	<b>fito/fitado, fixo/fixado</b> <sup>10</sup>

<sup>5</sup> Ex.: de *certus* formou-se no lat. tardio *certificare* > *certificar*, que, além do respectivo participio fraco, revela usar em função participial *certo*, entre os sécs. XIII e XVI.

<sup>6</sup> Ex.: em vez de *acceptatus*, o verbo *acceptare* terá preferido o participio forte *acceptus*, pertencente a *accipere*, e o verbo *ausare*, em vez de *ausatus*, adoptado *ausus*, de *audere*.

<sup>7</sup> Era normal o uso da forma fraca, mesmo com *ser*, surgindo a forte apenas em *Os Lusíadas*: 2. VII.34. por que não lhe fica/Erdeiro proprio, faz os mais **aceitos**"; 3. X.142. Agora, pois que tendes aprendido/Trabalhos, que vos fação ser **aceitos/Aas** eternas esposas"; 4. X.155. So me falece ser a vos **aceito/De** quem virtude deve ser prezada". Cfr. *F. Menores*: 243.16. "e demostrasse por elle tal milagre que a sua petiçom era **açeptada** a Deus"; II.51.3. a penitência [...] foy de Deus **açeptada**...

<sup>8</sup> Vd., por ex., *CSM*: 1. "o demo venzudo foi ja por senpr'e **conquisto**"; 2. "Cristo/que o mund' ouve **conquisto**" (Lorenzo: 1977). *Cr. Troyana*: "sse uenden moy cament ante que seian tomados nen **conquistos** nen pleytejados". *T.G. Cr. General*: 1. "Seuilla que el ouve **conquista** dos mouros"/A1 "dos alaraues que a aujan **conquistada**"; 2. "et o auja **conquisto** et metudo..."; 3. "era ia toda a rrebeyra de S. astragada et **conquista** dambas as partes" (Cfr. "por m~j sera **conquerida** esta çidade"). *Cr. 1344*: "teendo a mayor parte da Espanha **conquerida**,..." P: **conquistada**. Na *Demanda* as três formas: 1. "ca muita grã terra havia **conquista**"; 2. "eu vos haveria **conquisto** a pouca de hora"; 3. "havia muito **conquerido** per sua cavalaria"; 4. "ataa que a houvessem **conquistada**".

<sup>9</sup> Vd. *CSM* – 59.1. "Como o **Crucifisso** deu a palmada... aa monja de Fontebrar" – e *F. Menores* – 2. 45.4. "em na vertude e nome do **crucifixo**"; 3. II.66.4. "apareço [...] posto em cruz, a semelhança de **crucifixo**,..."; 5. 120.1. "as doores do crucifícamento de Jesu Christo **crusificado**"; 6. II.25.21. "nom avia de scer pintado com a cruz em na mão, como nom fora **crucificado**"; 9. II.150.19. "quero que moyras **crucificado**"; 12. II.195.27. "ao pobre **Crucificado**". Vd. *fixo/fixado*.

<sup>10</sup> Vd., por ex., *Cr. General*: "estando assi os geollos **fitos**"; "en geollos **ficados** ante o altar". *CSM*: "desque el ouvesse **fito**-los geollos"; "ant'el en geollo **fito**... os geollos/teve **ficados** en terra"; "e quant'y viu no coraçon **fito**/teve ben". Pero Menino, *Falcoaria*: "se fezer ssoll **ffito** põe aquell sacco ao soli". Nunes, *Contr.*: "polo sol que era muy **fito**"; *R.S. Bento*: "i terra **ficados** os olhos". O top. desde 1008 (Lorenzo): "in uilla que uocidant **petrafitta**" (*PMH Diplom*). \*(De *figere* ainda **\*figicare-figicatus** > *ficar/fincar-ficado/fincado*).

12. <b>fritus</b> ( <b>frigēre</b> )	→ (frigir)/fritar	<b>frito/fritado</b>
13. <b>unctus</b> ( <b>jungēre</b> )	→ <b>unctare-unctatus</b> juntar	<b>junto/juntado</b> <sup>11</sup>
14. <b>mortuus</b> ( <b>morī</b> > vulg. <b>morēre</b> )	→ (morrer) matar	<b>morto/matado</b> <sup>12</sup>
15. <b>notus</b> ( <b>noscēre</b> )	→ <b>notare-notatus</b> notar	<b>noto/notado</b> <sup>13</sup>
16. <b>ostensa</b> ( <b>ostendēre</b> )	→ ostentar	<b>ostenso/ostentado</b> <sup>14</sup>
17. <b>professus</b> ( <b>profitēri</b> )	→ <b>*professare-professatus</b> professar	<b>professo/professado</b>
18. <b>quietus</b> ( <b>quiescēre</b> )	→ (quietar)/quitar	<b>quito,-e/quitado</b> <sup>15</sup>
	→ quedar/aquedar	<b>quedo/quedado</b>

<sup>11</sup> Forma fraca e forte intercambiam até ao séc. XVI. Por ex.: 2. L.XIV. nos Clara gôçalvez Prioressa das donas dAchelas cō o Cōueto do dito logo **jūtas** per capāa tãuda; 1. N-XV. Nem os venderey nē arrendarey ataa que seJam colheitos E **ajūtados** Nos celleiros E adegas sem vossa liçença. Cfr., como adj.: N.XVI. no casall do amedo que Jaz ermo que traz elle mesmo fernã gonçallvez **ajuntado** ao do outro ã que mora; N.XIV. E outrossy o<s> meteu en posse do Cassal que esta **junto** cōna quintáa. *CSM*: 5.76. 6.37. “un dia de festa, en que foron **juntados**/muitos judeus e crischãos”; 38.8. “ela e sseu Fillo son **juntados**/d’amor”. *D. S. Gregório* (Mattos e Silva, 1984: 386): 1. 2.16.38. aqueles que son **juntos** con el per amor; 4. 2.35.1. vira todo o mundo **juntado**. *T.G. Cr. General*: 1. “teendo as mãos **juntas** contra elle”; 2. “se todos vcesem **ajūtados**”; 7. “aquella oste que tijna **juntada**”; 8. “foy muy grã gente **juntada** de redor do cãpo”. *Miragres*: “et ali forō todos os cristiãos et os mouros **juntos**”. *Cr. Troyana*: “foron moy passo todos **juntados**”. 1324. *Desc. Portug.* 1: “os que per o dito pregom no dito logar tras a obra foram **ajuntados**”. *Solilóquio*: “nos, com elles assumados et **ajūtados** em hūu teu curral”. 1468. Salazar: “seendo **ajuntados** en nosso cabijdo por tangemento de campãa”. *Cr. 1344*: II.46.7. “E, feito esto e elles todos **juntos**, moveron logo”; II.52.5. “que fossem todos **juntos**, tanto que ouvysem a campãa.”; II.63.24. “todollos outros de sua terra erã ja **jūtados**”; II.98.10. “tiinha **ajuntadas** todas suas companhas pera hyr a recebello.”; II.251.17. “despois que os reis forom **ajuntados** em Leon”. Vd. a oscilação entre os ms. L e P: I.428.4/6. “ëviou per toda sua terra seus mandadeiros e seus pregões que fossē logo **ajuntados** ally”. Em P: “fossem todos **juntos**”. II.26.14. “despois que todas suas gentes ouve **juntadas**, moveo logo pera Castella”. Em P: forō **jūtas**. II.399.6. “E, desque forom **ajūtados**, disselhes...”. Em P: **jūtos**. *F. Menores*: 371.2. “como [...] os ezcotes e os ingressos se ouvessem **ajuntados** com muy grande multidom de jemte armada”; II.50.29. como todos os fraires esteve[sse]m **ajuntados** em huum dormitorio”; 166.8. “e, **juntadas** as mãos...”; II.168.28. “e, **juntas** as mãos...”; II.235.18. quantos mais fraires forem **juntos**. *F. Lopes, Cr.D. Pedro*: “que mais teendes **juntas** de vinte mil dobras”; “despois que todas foram **juntas**”.

<sup>12</sup> Camara (1979: 161) refere que a partir do port. clássico *morto* de *morrer* passou a ser associado a *matar*, contudo, isso acontecia desde os primórdios da língua: 1262 (Lorenzo) – «se alguem a uossa villa uener filhar comeres ou outras cousas per força e y **morto** for ou frido» (*Portel*). *T.G. Cr. General*: 2. “todos forom **mortos** a espada”; 5. “que asi lles aujã **mortos** muytos dos seus”. *D. S. Gregório* (Mattos e Silva, 1989): 2.38.1 quareenta homens que foron **mortos** dos lombardos. *Graal*: “vos me havedes **morto** e escarnido”. *F. Menores*: 95.9. “que lhe haviam **matado** maliçiosamente huum porco.”; 8. 276.1. “achou emforcado o ferreiro que avia **morta** a sua molher”; 17. II.64.13. logo de aquelle liom seriam **mortos**. Em Said-Ali (sécs. XVI-XVII): Dous trabucos nossos que lhe tinham **morta** alguma gente (J. de Barros, *Décadas*); Respondeo elle que já tinha **morto** hum urso e hum leão (Pe. A. Vieira, *Sermões*); Muytos forom ally **matados** (*Marco Polo*).

<sup>13</sup> *Os Lusíadas*: “Crendo que seu engano estava **noto**”; “Mas despois de ser tudo ja **notado**”.

<sup>14</sup> N.XIII. “Leyta et **ostensa** fuit supra dicta carta v<sup>a</sup>. die Januarij...”

<sup>15</sup> *CSM*: 312.48. “desta guisa seria **quite** de toda rancura”; 411.35. “D’aqui entrar es **quito**” (‘proibido, impedido’). 1265, Sponer: “et os omes que em ellas moraren deuem a seer **quitos** deste pedido”; 1432, Ferro2: “que seja foro e **quite** desta talla e pedido”. (Cfr. *desquitado*: 1434, Ferro2 – “que lle fosen **desquitados** os ditos mrs do pedido do ano”). *Cr. 1344*: 3. II.85. “os cristiãos que os mouros levavam cativos, mandou que fossem livres e **quites**”. *CSM*: 9.134. “o tempo forte seria **quedado**” (‘acalmado’); 52.22. “estavan y todas mui **quedas** en paz”. *C. Ajuda*: 8980. “no’-nas quer’eu leixar estar **quedadas**”.

18. <b>ratus</b> ( <b>rerī</b> )	→ <b>ratificare-ratificatus</b> ratificar	<b>rato</b> <sup>16</sup> / <b>ratificado</b>
19. <b>ruptus</b> ( <b>rumpĕre</b> )	→(ar) <b>romper</b> <i>arrotear/rotear</i>	(ar) <b>roto</b> <sup>17</sup> / <b>(ar)roteado</b>
20. <b>situs</b> ( <b>sinĕre</b> )	→ <b>situare-situatus</b> situar	<b>sito/situado</b>
21. <b>suspectus</b> ( <b>suspĭcĕre</b> )	→ <b>suspectare-suspectatus</b> suspeitar	<b>suspeito/suspcitado</b>
22. <b>rasus</b> ( <b>radĕre</b> )	→ (raer)/(ar) <b>rasar</b>	<b>raso/(ar)rasado</b> <sup>18</sup>
23. <b>finĭtus</b> ( <b>finĭre</b> )	→ (fĭir)/ <b>findar</b>	<b>findo/findado</b>
24. <b>raptus</b> ( <b>rapĕre</b> )	→ <b>raptare-raptatus</b> raptar	<b>rapto, rauto</b> <sup>19</sup> / <b>raptado</b>
25. <b>solutus</b> > <b>*soltus</b> ( <b>solvĕre</b> )	→ (solver)/ <b>soltar</b>	<b>solto/soltado</b> <sup>20</sup>
26. <b>volūtus</b> > <b>voltus</b> ( <b>volvĕre</b> )	→ <b>vol(ü)tāre/*volvitāre</b> (volver)/voltar	<b>volto</b> <sup>21</sup> / <b>voltado</b>

2. Formas presentes no *corpus* com origem em adjetivos.

1. <b>captivus</b>	→ <b>captivare-captivatus</b> cativar	<b>cativo/cativado</b> <sup>22</sup>
2. <b>certus</b>	→ <b>certificare</b> certificar	<b>certo/certificado</b> <sup>23</sup>

<sup>16</sup> N.XVI<sup>2</sup> prometerão dauer por **Rato** firme e valioso todo o que per o dito procurador for em ello feito.

<sup>17</sup> 1. L.XIII. cō montes. e cō fontes matas resiós pascoamentos **rotos** e por rōper; 3. L.XIV. matos e mōtes e ffontes e Apascoadejros **Arrotos** e por Arromper; 16. N.XVI ...com todas suas emtradas e saydas nouas e antigas todo momte em ffontte **rroto** e por rromper. Cfr., em 1105, *Doc. Med. Port.*: “terras **rumpudas** et pro rumpere”. *Corónica Iria*: “porque suas carnes fosen **ronpidas**”.

<sup>18</sup> 1. N.XIII. de seu signal assináado nō **rrosso** nē rapado nē en nēhūa parte sospeyto; 2. N.XIV. vista a dita carta e porque nō Era **rrasa** E pareçya em sy sem sospeita. 1301, Portel: “procuraçom... nō **rasa**, nō **horrada**, nē antrelhada nē **çorruta**”. *Os Lusíadas* (‘destruído’, *arrasado*): “Mas queimar lhe ha lugares, templos, casas:/Aceso de yra o Cão, não vendo lassos/Aqueles que as cidades fazem **rasas**” (X.16).

<sup>19</sup> *F. Menores*: 121.16. “ffrey Liom [...] foy **rapto** em esprito”; 190.29. “elle ha medo de scer **rapto** deante vos”; 245.25. “por huum grande espaço esteve **rauto**, fora de sy”; II.166.20. orando o dito frey Pedro, ffoy **feito rapto**. *Lusíadas* (adj. ‘fugaz’): X.86. “Com este **rapto**, & grande mouimento”.

<sup>20</sup> *F. Real*: 1. “e depouys for **solto** porque nō é culpado” (Ferreira, 1982: III/2, 369). *CSM*: 1. “Pois s’o primeiro sentiu/**solto**, da prijon fojiu”; “chama-o ante mi, e serás **soltado**”; 2. “o ome bõ era **solto** de ssa pēdença” (‘livre’). *D. S. Gregório* (‘absolvido’): 2.23.1. “Das servas de Deus que morreron scomungadas e foron **soltas** pela oferta que San Beento fez”. *T.G. Cr. General*: 4. “soltoo et enuiouo **solto** para sua cassa”; 5. “o que tu soltares sobrella terra **solto** sera outrosi eno ceo” (Lorenzo, 1977: 1215). *PMH Leges*: 1162. “sedeat **soltum**”; 1258. “sedeat **solto**”. *Cr. Troyana*: “foron ferir a rredea **solta**”; “uijan que o non podian leuar preso, mays ante que fosse **solto** moytos o conpraron cament”. *C. Iria*: “foy **solto** Sisnando que estaua preso”. *F. Menores*: 188.22. “eu nom falley da alma **soluta** do corpo ou do corpo morto, que quer dizer da alma sem corpo ou do corpo sem allma”; 51.30. “a sua alma **solta** da carne passou deste mundo a Deus Padre”; II.211.15. os que estavam pressos [...] forom livrados e **soltos**.

<sup>21</sup> *Mirages*: “acharõno jazer en terra morto et **volto** cōtra oriēte” (Lorenzo, 1977).

<sup>22</sup> *T.G. Cr. General*: “que a leuē... et que seja **cativa** a condessa”; *Cr. D. Pedro*: “c forom dos mouros mortos e **cativos**”. *Cr. Troyana*: “todoslos ouuermos mortos et **catiuados** et presos”. *C. Iria*: “librou toda a terra dos normanos... que a tijnan ocupada et **cativada**”. *Cr. 1344*: “foron muytos dos seus mortos e **cativos**” (I, 94). *F. Menores*: 350.11. “como em hūua batalha fossem **cativados** moy muytos mouros”; 372.3. “E, acabada a batalha e mortos os ingleses e **cativados** misquinha-mente...”.

<sup>23</sup> N.XVI. ssendo primeiro **Certificado** per ffees e asinados dos ssobredictos veedores e homes bõs que ho dicto casall apeçará,, que; 11. N.XVI. E porque de tudo fuy **serto** per fes e asynados dos ditos vedores e homēs bõs. *Cr. 1344*: II.70. quando os Castellãaos forõ **certos** da prisom de seu senhor (‘informados’).

3. <b>integer</b>	→ <b>integrare-integratus</b> entregar	<b>entregue.-go/entregado</b> <sup>24</sup>
4. <b>firmis</b> (< <b>firmus</b> )	→ <b>firmare-firmatus</b> firmar	<b>firme/firmado</b> <sup>25</sup>
5. ár. <b>hurr</b> > forro	→ forrar/aforrar	(a)forro/ (a)forrado
6. <b>infestus</b>	→ <b>infestare-infestatus</b> infestar	<b>infesto/infestado</b>
6. <b>limpidus</b> > limpo	→ (a)limpar	<b>limpo/(a)limpado</b> <sup>26</sup>
7. <b>liber</b>	→ <b>liberare</b> > liberar (livre/liberado)/livrar	<b>livre/livrado</b> <sup>27</sup>
8. <b>mani/manifestus</b>	→ <b>manifestare-manifestatus</b> manifestar	<b>manifesto/manifestado</b> <sup>28</sup>
9. p.p. * <b>praegnīs</b> (< <b>praegnās</b> )	( <b>im</b> ) <b>praegnare</b> -*( <b>im</b> )-atus (em)preñar	<b>prenhe/-a/(em)preñado</b> <sup>29</sup>

<sup>24</sup> CSM: 193.60. “o mercador **entregado**/foi de quanto lle fillaran”; 9. L.XIV2 por preço certo de que sse [...] déu por **entregue** e por pagado; 13. L.XV2 as quaces galínhas serom pagas e **étrégues** dentro no dicto moesteiro; 1 L.XVI dos quaces-sic me dou por bem pagado E **entrego**. 2. L.XIV1 ca eles sse dauã por bê Pagados e **entregados** de todo o preço e das custas que por elas derõ. A forma *entrego/entrega* terá passado a usar-se como part. por influência do s. *entrega*, já usado no séc. XIV, como Said-Ali crê que deve ter ocorrido com *paga*, levando ao uso do part. *pago* por *pagado*, ou terá simplesmente sofrido o processo normal de truncamento, como tantas outras (Maia, 1986: 753-754)?

<sup>25</sup> 1. L.XIII E por séer mays **firme** esta carta seelamos dos nossos séelos e outra tal; 1. L.XIII Et este preyto por séer magis. **firmado** e magis. auctorgado. untre nos. e uos fazemus. ende fazer duas cartas. CSM: 83.8. “sempr’os vossos corações/en ela sejan **firmados**”; 305.68. “atanto que en Deus ajan ben **firmes** sas entenções”. 1108, *Doc. Med. Port.*: “unde habemus carta roborada et **firmada**”. *Cr. 1344*: “fezerõ grãdes cartas de privilegios **firmes** e reворados com seus seelos”.

<sup>26</sup> T.G. *Cr. General*: “ata que fossem bem **linpas** do sangue de que estauã untadas” (Lorenzo, 1977: 1323). 1438, *Ferro2*: “que aposte os ditos baños et os **alinpe** ben... **alinpados** e apostados”. *F. Menores*: 257.6. “por esta maneira foram muitos **alinpados** dos pecados por o sacramento da comfisolm”; II.174.1. e o emfermo fose ainda **alinpado** das miserias de aquesta vida. Gil Vicente (*Auto da Lusitânia*): Quanta choca, quanta lama,/que traz o mantam frisado,/que estava tam **alimpado**,/que parecia hũa dama/diante seu namorado! (467, A, 8). *Os Lusíadas*: X.66. Tendo assi **limpa** a Índia dos immigos.

<sup>27</sup> *F. Real*: 1. “Nenhua cousa... nõ possa seer uenduda nen alleada nen trasposta do logar u é ata que seya **liurada** per juizo ou per auença”; T.G. *Cr. General*: 802.29. “a praça foy muyto agina **liurada** dos mouros”. *Cr. 1344*: 1. I.382. “secremos salvos e **livres** per seu rogo della”; 2. I.23. entenderon que per elle seeriã **livres** de maaõ senhorio; ou per teus rogos ou per bondade de teu corpo, sejamos **livrados**; 3. II.80. “ella era sua senhora que os avya **livres** de cativo em que eram metidos”; 4. II.248. “foy a raynha dona Elvira **livre** de tal perigoo per dom Ramiro”. *F. Menores*: 2. 34.7. “por os mereçimentos dos santos martirees elles foram **livrados** daquelle perigo”; 3. 314.12. “foy **livrado** de toda a dita infirmitade”; 6. II.134.21. Como huum fraire ffoy **livre** do purgatorio; 8. II.233.25. I polos boos religiosos e regedor eram **livres** da mãao do imigo. *Os Lusíadas*: 1. III.35. Mas com se offerrecer aa dura morte,/O fiel Egas amo, foy **livrado**; 2. VI.94. Mas via se **livrado** tão asinha/Da morte.

<sup>28</sup> *Cr. 1344*: 3. I.296.11. “e o mal que elle fezera [...] que fosse descuberto e **manyfesto** a todos”. CSM: 357.5. “assi os correj’a Virgen pois los a **maenfestados**” (‘confessado’); 211.22. “viron cousa mui **mãefesta**”. *F. Menores*: 1. II.62.7. fraires pobres, ao mundo nom conhecidos, mais a Deus **manifestados**; 2. II.198.3. em aqueste lugar de Aques he **manifestado** que a agoa de hũa fonte converteo em vinho; 5. 6. II.208.26. os fraires mostravam [...] o juizo **manifesto** de Deus; 7. II.277.22. por os sinaacs **manifestos**.

<sup>29</sup> CSM: 347.26. “con seu marido albergou, e foi **prennada**”; “meu fillo de que eu fui **emprenada**”; “que a fez **prennada**/a dona, pois que **prenne** se sentiu”; 7.1. “a abadessa **prenne**”. *C. d’Escarnho*: 22.9. “come molheres **preñadas**”; 39.3. “era **prenhe**”. T.G. *Cr. General*: “era **prenada**”; “eu fico **prene** de uos”. 1008, *PMH Diplom.*: “vaca **preniata**”. 1188-1230, *PMH Leges*: “mulier **pregnata**”. Alfonso X: “come molheres **preñadas**”. *Gal. Estoria*: “que era **prenada**”; “vio que era **prene**”. *Cr. Troyana*: “ficou ela **prenada**”. 1402, *CDGII*: “ficou **preñe** de min”. *Cr. 1344*: II.329.6. “era ja **preñada** dos dictos cinco meses e meo”; I.307.16. “e depois que fores **preñe**,...”; II.155.1. “- E

10. <i>salvus</i>	→ <i>salvare-salvatus</i> > salvar	<b>salvo/salvado</b> <sup>30</sup>
11. <i>siccus</i>	→ <i>siccare-siccatus</i> secar	<b>seco/secado</b> <sup>31</sup>
12. <i>securus</i> > seguro	→ <i>securar</i>	<b>seguro/segurado</b> <sup>32</sup>
13. p.p. <i>praesens, -entis</i> ( <i>praesentare-praesentatus</i> ) apresentar(-se)		<b>presente-apresentado</b> <sup>33</sup>

### 3. Participípios do *corpus* formados no português.

Além dos participípios fortes referidos existem outros conhecidos como *truncados*, por nem se tratar de participípios latinos originalmente pertencentes ao verbo que acaba por utilizá-los, nem de formas portuguesas constituídas pelo habitual recurso à terminação regular, mas apenas pelo acrescento de *-o/a* (para alguns também *e*) ao radical verbal. Esta designação fora, de facto, já usada pelos Romanos para catalogar alguns participípios “curtos”, ou seja, sem a terminação *-atus, -etus, -utus* ou *-itus*, que, estando “geneticamente” implicados no surgimento de novo verbo, acabam por manter-se a par do seu participípio regular como forma alternativa<sup>34</sup>.

Tanto Williams (1938: 189-190) como Piel (1944: § 61) concordam que os participípios truncados em *-o/-a* deverão ter surgido (no latim vulgar ou no galego-português) ao lado de formas fracas em *-atum* por analogia com pares latinos como os já referidos. Neste grupo Piel mistura, todavia, formas de origem latina adjectival (ex.: *limpo, descalço, salvo*). Nunes (1919: 318) é ainda mais democrático ao admitir entre os participípios truncados formas originárias de adjectivos, como *forro, limpo, descalço* ou *livre*, e também as herdadas por verbos derivados dos verbos latinos de diferente conjugação que estão na sua origem (ex.: *suspeito, isento, torto*). Nem Vasconcellos (1900) nem Camara (1970: 115-116), que apresentam agrupamentos bem distintos dos participípios fortes da 1ª conj., de tipo essencial-

despois – disse ella – que eu fuy **prenhe** de vos...”; II.241.15. “aa raynha./que andava **prenhe**”. *F. Menores*: 250.5. “huia dona de Anusio, que estava **prenhada**”. Gil Vicente (*Juiz da Beira*, 432, B, 32): Ana: E a cachopa he **prenhada**.

<sup>30</sup> L.1292 A procuraçom perleuda ssáa e ssalua nõ borada nõ antrelynada. *CSM*: 420.24. “a culpa de que fust’acusada./onde ficaste quita e santa e **salvada**” (‘ilibada’); 45.1. “que fosse **salvo** o cavaleiro malfeytor”. *D. S. Gregório* (Mattos e Silva, 1989): 2.32.25. “pela sa morte soo son todolos outros **salvos**”.

<sup>31</sup> *Vd. Lobato* (1999: 124): “As camisolas devem ser *secas* na horizontal”.

<sup>32</sup> *T.G. Cr. General*: “a çidad[e] de Cordoua estaua muy **segurada**...”. *Cr. Troyana*: “os da uila jaziã ia **segurados** et dormindo”. J. Seruando: “que seiades delles **segurado**”. *Cr. 1344 (=certo)*: II.107. “e forõ **seguros** delle que nõ ajudarya os Castelãaos”.

<sup>33</sup> *F. Menores*: 369.6. “foy-lhe **apresentado** huum corvo”; II.126.6. como [...] vissem que nom lhes era **presente** algüua ajuda humanall; II.130.28. ex que foram **presentes** dous angeos, pera que a levasse[m] a gloria do paraiso. *Telejornal* (Abril, 1999) “É isso que se espera dos juizes: uma avaliação imparcial dos casos que lhe sejam **presentes**”. Hoje comum: “Foi ontem **presente** a tribunal para...”.

<sup>34</sup> Exemplos como *retus/retitus; saucius/sauciatus; lassus/lassatus; lacerus/laceratus; potus/potatus; obliterus/obliteratus*, e a designação de “truncados” constam entre as referências de Prisciano e Gélío citadas por Lindsay em *The Latin Language* (1894: 543), conforme indica Nunes (1919: 318). A origem latina da designação é igualmente referida por Maia (1986: 753).

mente sincrónico (só esporadicamente em confronto com informação diacrónica), seguem como critério a origem dessas formas fortes<sup>35</sup>.

Por outro lado, todos incluem ainda no grupo dos participios truncados (os dois últimos, porém, não os denominam assim) formas que terão acrescentado *-e* ao tema verbal (ex.: *aceite/aceitado*; *assente/assentado*; *encarregue/encarregado*; *entregue/entregado* e *fix/fixado*), a que atribuem origem analógica em pares como *firme-firmado* ou *livre-livrado*, já que esses adjectivos também serviam de participio no português antigo<sup>36</sup>. Maia considera como truncados apenas os participios “que se formaram acrescentando *-o* (ou *-a* para o feminino) ao radical”, pelo que os exemplos retirados do *corpus* se limitam a *entrego* e *pago*.

Na verdade, o fenómeno do truncamento visto numa perspectiva ampla inclui a maioria das formas fortes dos verbos da 1ª conjugação. Abstraindo da origem que justifica a terminação curta de cada forma, são sentidas como truncadas todas as que não contrapõem *-ado* a *-ar* e mantêm intacto o tema verbal, perdendo apenas a vogal temática e a terminação do infinitivo. Aqui limitamo-nos, porém, a inventariar as formas novas no latim vulgar ou no português sem raízes num verbo latino de outra conjugação ou origem adjectival, excepto quando a cronologia dessa formação (inicialmente adjectivo ou inicialmente participio?) não nos pareceu clara.

1. acostar	<i>acostado/acosto</i> (cast.) <sup>37</sup>
2. aforar	(a) <i>forado/aforo</i> <sup>38</sup>
3. chegar	<i>chegado/chego</i> <sup>39</sup>
4. contar	<i>contado/conto</i> <sup>40</sup>
5. cortar	<i>cortado/corto</i> <sup>41</sup>

<sup>35</sup> Camara (1970: 115-116) refere que, “dada a situação ambígua [...] do participio como forma verbal e como nome adjectivo, algumas gramáticas aumentam a lista, incluindo formas que são na realidade nomes adjectivos cognatos do verbo”. O facto é que, “em certos dialectos sociais”, – reconsidera – “alguns desses nomes adjectivos têm, com efeito, função de participio” (ex.: *limpo*, de *limpar*).

<sup>36</sup> Vd. Williams (1938: 190, § 159, ponto 4) – “As formas terminadas em *e*, *aceite*, *assente*, *encarregue*, *entregue* e *fix* (popular), que se desenvolveram ao lado de formas em *-ado*, presume-se resultarem da analogia com parelhas tais como *firme-firmado*, *livre-livrado*” – e Piel (1944: § 61): “Os participios truncados têm ainda uma variante em *-e* (invariável): *assente*, *entregue*, *aceite*, *encarregue*, *fixe*, em que se deve ver, com Leite de Vasconcelos, *RL*, IV, 133, a influência de adjectivos em *-e*, que, como *firme* e *livre*, podem assumir funções de participio.”

<sup>37</sup> CSM: “420.62 bēeita u t’el ouve dos braços abraçada/e tu con piedade sobr’el fuste **acostada**”. *Cid*: “**acostos** a un aguazil que tenie buen cavallo” (em Lorenzo, 1977).

<sup>38</sup> 2. L-XVI. que parte de hūa parte com vinha do dito mosteiro que ora traz **forada** tome da mota; L-XIV. Diserom que Giralde anes mercador e Domingas dominguiz ssa molher tijnhã **afforo** pera sseñpre da Prioressa e Conueñto do moesteiro dachelas da par da dita Çidade Duas Coírelas de; Erdades e vinhas.

<sup>39</sup> *Frades Menores*: 337.5. “Hūua monja [...] tinham que era **chega**[da] aa morte”. Cfr., por ex.: 324.13/14. “como fosse ja casy **chegada** aa morte”.

<sup>40</sup> Lisboa 1483: ouue a dita copia [quantia] feita **conta** e entrega perante mjm e os ditos vendedores.

<sup>41</sup> CSM: 206.35. Pois que ouv’a mão **corta**; 265.2. da mão que avia **corta**; etc. Vd. Lorenzo (1977: 384): «Equivocadamente corregí para *cortada* el part. irregular *corta*, pues está también en las CSM [...]; *Graal* “ūa donzela que tijnha a cabeça **corta**” [...]; F. Lopes, *Cr. D. Pedro* “que todo nom fosse



6. demandar	demandado/demandado <sup>42</sup>
7. embriagar	embriagado/embriago (adj.?) <sup>43</sup>
8. gabar(-se)	gabado/gabo <sup>44</sup>
9. pagar	pagado/pago <sup>45</sup>
10. pintar (ou < pictum – pingēre?)	pintado/pinto <sup>46</sup>
11. selar	selado/selo <sup>47</sup>
12. trasladar ou tresladar	tras-/tresladado/tras-/ treslado <sup>48</sup>

A dificuldade em enquadrar algumas formas presentes nos *corpora* num (só) destes grupos parece estar relacionada de perto com a questão das formas fortes parasitárias ou miméticas adoptadas pela primeira conjugação: terá o fenómeno começado no latim apenas com os pares de verbo-particípio que herdaram este de um verbo de outra conjugação? Ter-se-á essa circunstância entrelaçado com certa confusão entre formas participiais e adjectivos que muitas vezes deram origem ao verbo em causa? Pares como *enxuzado/sujo*, *desperto/despertado* acabaram prova-

---

*corto*». 1. “nõ ficou lugar que nõ fosse **cortado** et astragado” – 1. “leixou cortada et astragada lheim” (ms. *corta*); 2. “et muytas cabeças cortadas” (ms. *cortas*). *Cr. 1344*: II.56 “cõ os braços e as pernas **cortas**”. *F. Menores*: 257.25/26. achou o filho com o pee **corto** e, quando soube a rrazom por que avia **cortado** o pee...

- <sup>42</sup> *N.XV.* que as ditas pessoas sejam Citadas e **demandas**-sic E rrespondam por ello perante os vigairos. A forma *demandas* encontra-se igualmente em *Tempos dos Preitos*.
- <sup>43</sup> *F. Menores*: 2. 209.4. “era cheeo de tanto prazer e ardor que parecia **embriago** de avondança de vinho do amoor da graça de Deus”; 3. II.143.5. “sayo de casa, asy como **embriago**, com proposito de hir a furnicar”; 4. II.197.18. “era visto assy como **embriago** (4), nom embargante que elle nom bebia vinho, nem outra coussa que **embriagar** podesse” (4) A primeira escrita foi *com embriago* depois acrescentou-se -o a *com* e riscou-se *riago*, pondo-se por cima *bedado* ou seja *como embebedado*.
- <sup>44</sup> *T.G. Cr. General*: ‘ena mayor torre hu o nume do falso Mafomade soya seer chamado et gabado’ (ms. *gabo*); *Cr. 1344*: “e esta batalha foy muyto nomeada e **gabada** antre os mouros”.
- <sup>45</sup> Segundo Said Ali (1931: 149), o particípio *pago* ter-se-á formado a partir do substantivo deverbal *pago*, processo equivalente ao sucedido com *gasto* e *ganho*. Não existem em todo o *corpus* atestações de *pago* anteriores ao séc. XIV, e então surgem apenas a Norte, utilizando-se ainda na região de Lisboa unicamente *pagado*: 3. L.XIV. é éstes dinheiros. deuē seer **pagados** cadá áno por dia. de Natal. 1. N.XIV. e deusse dos dictos dinheiros por bem **pago** e por bem ètrege; 9. L.XIV. do qual preço nos ssomos de uos bem **pagados** E entreges; 12. N.XV. Çinque librras de moeda antiga **pagadas** a seteçcentos por hüu; 6. N.XV. que os trezentos e vijnte rreaes sejam **pagos** em paz E em saluo; 10. N.XVI. lhe perdoase ho atras pasado se pella uëtura **paguo** nõ fose. Também Maia (1986: 753-754) refere numerosas atestações de *pagado* e *pago* no *corpus* que editou, mas sobretudo a partir do séc. XV, já que para o XIII apenas refere *pagado*, que aparentemente começa a diminuir no séc. XV. *CSM*: 38.95. “por que dýeiros **pagados**/ouvi muitos”. Vd. também como adj. *pagado* (contente, satisfeito) e *despagado*. *PMH, Leges*: “per que esta diuyda seia **pagada**... ata que esta diuida seia **pagada**”. Leite, *T. Arc.*: “ataa que lhe seia **paguada** a direita diueda” (Lorenzo, 477). Gil Vicente (a fraca ainda como particípio e adjectivo): Folgo nam vos ter **pagado** (445, A, 16); Fuy eu contente e **pagada**/co a myta da bõ hora (314, A, 21).
- <sup>46</sup> *C. d’Escarnho*: 402.17. “dentes **pintos** come dados” (‘pintalgados’).
- <sup>47</sup> L.XIV. douuos ende esta mha carta. aberta **séela**-sic cõ meu séelo pendente; N.XIV. e asynaada per a sa mááo **seella**-sic do seello da dita Correição.
- <sup>48</sup> *F. Menores*: II.7.5. foram [...] **trela**[da]dos de aly os osos dos fraires; II.32.8. foy **tresla**[da]do o corpo de nosso padre sam Framçisco. Cfr., por ex.: 243.27. “o quall avia **treladados** novamente de grego em latim os livros de sam Dionisio”; II.186.11. foy **trasladado** o corpo de samto Antonio.

velmente por instalar-se na gramática mental do falante como pares passíveis de serem usados ora como adjetivos ora como participios, o que tornou muitos verbos, com ou sem fundamento etimológico, abundantes. Ironicamente, assim como de início o participio fraco surge por regra em vez do adjetivo<sup>49</sup>, também hoje há a tendência ultracorrectora para ignorar a forma do participio substituindo-a por uma forte de origem adjectival. Ter-se-ão ambos os fenómenos repetido e ampliado no português de tal forma que hoje, para certos verbos, começamos a ultracorriger participios fracos legítimos preferindo-lhes formas originalmente adjectivais, ou então criando novas formas fortes, à semelhança dos pares com adjectivo ou dos numerosos pares de participio forte e fraco das outras conjugações?

De certa forma, podemos concluir que não existem verbos da abundantíssima 1ª conj. unicamente com participio rizotónico, contudo, são vários aqueles que só dispõem no *corpus* da forma forte<sup>50</sup>. Se a não ocorrência das fracas que hoje possuímos pode sempre ser ocasional, o certo é que todos esses participios se encontram relacionados com verbos da 1ª conj. apenas a título de empréstimo: trata-se, como verificámos, quer das formas de verbos em *-ere* que o português não manteve – pelo que os participios foram agregados na mente dos falantes aos novos verbos em *-ar* a que deram origem –, quer de participios de verbos na época ainda em uso mas com estes relacionados, muitas vezes por terem neles, e no respectivo participio, a sua origem (ex.: *frito-frigir*, *disperso-sperser*, *findo-fñir*). Também seria, contudo, necessário pôr a hipótese de alguns desses verbos terem começado por prescindir da automática forma fraca que lhes pertencia, já que ainda hoje isso acontece<sup>51</sup>. O facto de existirem adjectivos, já no latim, que estão na origem de verbos com cujos participios fracos terão grande afinidade semântica (e, conseqüentemente, também de uso em estruturas sintácticas afins), somado à circunstância de muitos participios latinos terem originado verbos em *-ar*, havendo-se depois mantido próximos, sintáctica e semanticamente, do seu participio fraco<sup>52</sup>, vem implicar uma associação na

<sup>49</sup> Ex.: surge sempre *sujado/ensujado*, nunca *sujo* – T.G. Cr. *General*: “teue que as mesquitas erã **enxuzadas** cõ elles” (‘profanado’). Cr. *Troyana*: “por que o seu altar fuj **ensuçado** de sange del”. Cr. 1344: “et tijnã que as mezquitas eram **ençuiadas** per elles”. *Ofícios*: “nẽhũu seu feito pode seer proveytoso que foi **ençujado** de tantos erros”. *F. Menores*: 1. 119.22. “que lhe possesse panos lĩpos em ellas e lhe quitase os outros que estavam **ensuziados** com o sangue”; 2. II.235.16. o que [...] dos primeiros foy ganhado [...] polos derradeiros seerã **emçujado**; 3. 255.12. “se tornasse a casa com as vestiduras **emchujadas**”; 4. 260.8/9. “e que se partissem de aly logo, porque a casa nom fosse **emxugemtada** por a presemça delles”. Vd. também *ensangoentado/sangoento* (< **sanguinentus/sanguilentus**) – *Demanda* (*sangoentado* e *sangoento*); *F. Menores*: 2. II.66.4.5. veeo huum demonio e apareçeo ao custodio [...] posto em cruz, [...] todo **emsangoemtado**; 3. II.139.26. poemdo a mãao por a cara, lhe parecia que tinha **emsangoemtada** com sangue; 5. II.275.6. veendo as pernas dos fraires **emsangoentas** e as vestiduras molhadas...

<sup>50</sup> *Anexo, culto, descalço, devoto, esperso, embriago, enxuto, expresso, findo, frito, enfesto, isento, ostenso, professo, raptó, raso, rato, revoltó, seco, sujeito e testo.*

<sup>51</sup> A maioria dos falantes vai ignorando formas como *findado*, relegando-as para estruturas episódicas com *ter*, pois já adoptou como legítimo o participio *findo* para *findar*, ignorando o original *fñir* (ex.: *O prazo já tinha findo*).

<sup>52</sup> Ex.: *Accipere* desaparece, deixando *acceptus* ao seu sucessor *aceitar*; *exprimere* resulta *exprimir*, que passará a dividir o participio com o favorito *expressar*, etc.

mente do falante entre essas formas curtas e as fracas geradas pelos novos verbos, de tal modo que fica patente a possibilidade de formar pares de “particípios” para outros verbos quaisquer. Do mesmo modo, certos adjectivos semelhantes na forma ao particípio de certos verbos, muitas vezes por pertencerem à família destes ou por estarem na própria origem deles, são usados como particípios desses verbos, podendo a forma fraca servir inversamente em contextos adjectivais. Este tipo de aproximação entre formas da mesma família observa-se igualmente com particípios que “sobraram” na língua sem o apoio do seu desaparecido verbo (como *rato*, *raso* ou *contrito*), e que acabam como simples adjectivos, esporadicamente identificados com o verbo novo, mais comum e regular, que veio preencher o lugar do anterior (*rato* acaba, assim, algo identificado com *ratificar*, *raso* com *arrasar*, *sito* com *situar*). Esta relativa confusão/abundância de formas, que teria favorecido a consciência da possibilidade de qualquer particípio ter a sua alternativa forte, acabou também por encorajar a criação desta, quando o latim não a fornece.

Observando o problema pelo prisma inverso, sendo os particípios fracos, sobretudo da 1ª conjugação, dominantes na língua, criou-se provavelmente na mente dos falantes certa preocupação em não tender para a formação fraca, como fazem as crianças ou os menos letrados, procurando ter sempre presentes aqueles verbos em que o particípio não sucumbiu à regularização e apresenta uma forma menos comum. Isso poderá explicar por que motivo os falantes tendem cada vez mais a preferir estruturas como “Tinha *limpo* o chão”, “Tenho *pago* tudo em dinheiro”, precavendo-se contra a eventualidade de *limpado* e *pagado* (já) não serem legítimos. Paralelamente, pois, à tendência para aumentar o uso de particípios fracos, abandonando os fortes latinos, que a generalidade dos gramáticos observou e o presente *corpus* pode evidenciar, existe certo pendor para criar novas formas fortes na própria língua, ou considerar as fortes como correctas em detrimento das fracas, numa espécie de fenómeno de ultracorreção.

Camara (1979: 160-161), que considera a formação de particípios fortes como um mecanismo actualmente em expansão, refere a variação livre dos novos particípios formados na língua, bem como a incapacidade da gramática para rejeitar os “desnecessários” ou especificar o seu uso<sup>53</sup>. Essa mesma tendência da gramática, que também corresponderá à constatação da existência de hesitação e confusão entre formas fracas e fortes por parte dos falantes, é ainda potenciada pela inversa tendência geral de criar/usar sempre as formas fracas virtualmente disponíveis para qualquer verbo (Camara, 1970: 116)<sup>54</sup>. A posição geral das gramáticas normativas

<sup>53</sup> “É um aspecto digno de nota da morfologia portuguesa a tendência a incorporar na conjugação verbal novos particípios rizotônicos, que ficam em variação livre com os particípios em *-do* de muitos verbos. [...] São convencionais os esforços da disciplina gramatical para limitar o número desses particípios perfeitos rizotônicos e definir rigorosamente o seu uso. Para a estrutura da língua o que essencialmente importa é a existência desse processo de formação, como mecanismo dinâmico que tende a se expandir.”

<sup>54</sup> “A gramática normativa tem procurado, sem grande resultado, regulamentar o emprego de uma ou outra forma. Na realidade, a tendência do uso lingüístico é ampliar o emprego do padrão geral.”

com respeito aos verbos abundantes é também apresentada pelo autor da primeira gramática histórica da língua portuguesa (Vasconcelos, 1900: 193):

...muitas vezes erram-se as fórmulas compostas destes verbos, por se desconhecer o uso de uma e outra forma do adjectivo verbal.

A única regra geral, que a este respeito poderá formular-se, é esta: – Nos verbos que têm adjectivo verbal duplo, achando-se em uso na flexão verbal ambas as fórmulas, pode sempre empregar-se a forma regular nos tempos compostos da voz activa, e pode quasi sempre empregar-se a irregular na voz passiva.<sup>55</sup>

No entanto, e embora Camara fale em variação livre para alguns participios duplos, essa hesitação e a consequente necessidade por parte da gramática normativa de regulamentar o uso de cada forma, ainda que sem grandes resultados, parecem relacionar-se com a descoberta de Lobato (1999: 132) – que não parece uma evidência para os falantes! – segundo a qual, se um verbo gera/mantém formas abundantes, isso se justifica por serem poucos os participios duplos que virão a funcionar como sinónimos perfeitos. Até porque, se os traços abstractos desses verbos já trazem codificada essa possibilidade, deverá estar “prevista” a sua especificidade na língua<sup>56</sup>:

O que acontece com os participios duplos é que os dois itens gerados para cada par não são sinónimos perfeitos, o que é demonstrado pela diferente escolha que fazem dos auxiliares *ter*, *ser*, *estar*, na maioria dos casos. Enfim, há entre as duas formas dos pares de participio diferenças de variados níveis (categoriais, aspectuais e argumentais, por exemplo), e mesmo nos casos das formas *aceitado/aceito*, *entregado/entregue*, *ganhado/ganho*, *gastado/gasto*, *pagado/pago* e *pegado/pego*, que consideramos os exemplos de maior aproximação entre as duas formas, não há sinonímia perfeita, se bem que aí as diferenças sejam mais sutis. Dentro do enfoque de traços que estamos sugerindo, é bem razoável supor que em todos os pares de participios duplos os radicais sejam portadores de traços tais que permitem a dupla derivação, cada uma com sua interpretação. A dupla derivação seria, então, consequência da própria configuração estrutural de traços abstractos do radical.

Lobato (1999: 116) cita ainda A.G. Barbosa quando, na sua dissertação de mestrado sobre *Participios Duplos na Fala Carioca: Variação e Distribuição Lexical*, conclui que “a variação real é muito restrita, pois ela só existe entre os itens *ganhado/ganho*” – cujo par fraco a gramática já considera preterido pelo forte em Portugal. A autora observa que, “efectivamente, os candidatos a variantes são muito

<sup>55</sup> Mais adiante assinala casos em que ambas as formas se podem usar na activa e na passiva.

<sup>56</sup> Noutro ponto do seu artigo a autora (1999: 124) analisa contextos específicos com formas fortes, demonstrando como podem apresentar, pelo menos, valor estilístico diferente, ou impossibilidade de emprego em certas estruturas, o que tem a ver com o facto de só conterem “parte da estrutura de traços dos participios nitidamente verbais”.

limitados, pois se restringem aos pares em que a forma rizotônica é usada em amplos contextos, incluindo ocorrência com *ter*, *ser* e *estar*, como acontece com *aceito*, *entregue*, *ganho*, *gasto*, *pago* e *pego*". Ora, os verbos em causa ("de que outrora se usavam normalmente os dois participípios") já nem são integrados pela *Gramática do Português Contemporâneo* (Cunha e Cintra, 1984: 440) nas listas dos abundantes, pois considera-se que a língua moderna prefere, com qualquer auxiliar, *ganho*, *gasto* e *pago* ("que eliminou completamente o antigo *pagado*").

Comentando a tendência moderna que observou, e com que também deparámos desde o galego-português inicial, para a constituição de novos participípios truncados, como *espalho* ou *prego*, Lobato (1999: 116) insiste na ausência de sinonímia perfeita, o que nem sempre parece ser confirmado pela alternância participial registrada até ao séc. XVI:

A questão da variação (em termos sincrônicos e diacrônicos) entre as duas formas de participípio para um mesmo verbo e da produtividade da formação rizotônica se entrecortam. Pode-se presumir que a variação sincrônica no âmbito de uma dada variedade da língua é uma etapa num processo maior de mudança. Essa idéia é favorecida pela intuição de que não existem sinônimos perfeitos. A produtividade da formação rizotônica seria decorrência desse processo de mudança.

A actual criação de novas formas fortes para verbos que somente dispunham da fraca vem contrabalançar a tendência regional, popular e infantil para recorrer também ao padrão regular (*abrido*, *escrevido*, este já presente no *corpus* medieval e normal em castelhano) quando o verbo só dispõe da forte. Assim, se em Portugal se produzem mesmo frases como "Defendei-vos de seres *cásse*s a deitár lixo aqui dentro" (em parede de Jesufrei, Minho), Lobato registou no Brasil o uso de novas formas truncadas como *chego*, *compro*, *prego* e *trago* (1999: 116). O actual *corpus* vem mostrar a antiguidade dessas tendências, apresentando já *chego* e *chegado*, *conto* por *contado*, *corto* e *cortado*, *demand*o e *demandado*, *seela* e *selada* ou *gabo* e *gabado*. De entre os fortes que se mantêm hoje, registam-se já *entregue* ou *entregola* e *pago*, embora alternem abundantemente com *entregado* e *pagado*, que revelam amplo uso predicativo e adjectival hoje impossível; surge *gaando*, mas nunca *ganho*, predominando *ganhado*. Ao invés, de entre os verbos da 1ª conjugação que actualmente apresentam duas formas, em certos casos já com preferência pela forte, encontram-se alguns que no português medieval tinham vulgarizada apenas a forma fraca. Assim, por ex., se ao antigo *acceptado*, registado ainda na *Cr. dos Frades Menores* em contexto hoje reservado à forma forte, apenas corresponde *aceito* em *Os Lusíadas*, em relação a *gastar* ainda surge em todas as obras apenas *gastado/guastado*, nunca *gasto*, tal como se utiliza unicamente *pegado*, não havendo sinais do *pego* que usa o português do Brasil. O participípio *matado*, que o português medieval disfarçou sob o uso totalitário de *morto*, encontra-se já em FM, embora ainda com clara preferência pela forma forte. Além disso, era geral a tendência, hoje reduzida, para usar formas fracas mesmo em funções adjectivais de atributo e predicativo.

**Bibliografia**

- Anabela Leal de **Barros** (2000), *O Particípio Passado, Aspectos da sua morfologia do século XIII ao século XVI* (dissertação de mestrado em publ.). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- J. Mattoso **Camara** Jr. (1970), *Estrutura da língua portuguesa*, 19ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1989.
- J. Mattoso **Camara** Jr. (1979), *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Padrão.
- Ivo **Castro** (1991b), *Curso de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Lúis F. Lindley **Cintra** (ed.) (1951), *Crónica Geral de Espanha de 1344*, Edição crítica do texto português, vol. I, Introdução, II (1954) e III (1961). Lisboa: Academia Portuguesa da História.
- A. Geraldo da **Cunha** (1966), *Índice analítico do vocabulário de Os Lusíadas*, 2ª edição. Rio de Janeiro: Presença/INL-MEC, 1980.
- J. de Azevedo **Ferreira** (1982), *Alphonse X, Fuero Real – Édition, Étude, Glossaire et Concordance de la version portugaise*, Thèse pour de Doctorat ès Lettres. IV vols. Paris: U. de Paris XIII.
- Lúcia **Lobato** (1999), "Sobre a Forma do Particípio do Português e o Estatuto dos Traços Formais", *D.E.L.T.A.*, vol. 15, n.º 1, pp. 113-140.
- Ramón **Lorenzo** (1977), *La Traducción Gallega de la Crónica General y de la Crónica de Castilla*, Edición crítica anotada, con introducción, índice onomástico y glosario. Vol. I, Introducción, Texto anotado e índice onomástico; Vol. II, Glosario. Orense: I.E.O. "Padre Feijoo".
- Augusto **Magne** (ed.) (1944), *A Demanda do Santo Graal*, vol. III: Glossário. Rio de Janeiro: I. Nacional.
- Clarinda Azevedo **Maia** (1986), *História do Galego-Português — Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI*. Coimbra: INIC.
- Ana Maria **Martins** (1994), *Clíticos na História do Português* (vol. 1) e *Apêndice Documental* (vol. 2). Dissertação de Doutoramento. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.
- Walter **Mettmann** (ed.) (1959-64), *Afonso X, O Sábio, Cantigas de Santa Maria*, vol. I (1959), vol. II (1961) e vol. III (1964), vol. IV, Glossário (1972). Coimbra: Acta Universitatis Conimbricensis.
- José Joaquim **Nunes** (ed.) (1918), *Crónica da Ordem dos Frades Menores (1209-1285)*. Coimbra: I.U.
- J. J. **Nunes** (1919), *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa. Fonética e Morfologia*. 9ª ed. Porto: Clássica Editora, 1989.
- J. J. **Nunes** (1928), *Cantigas d'Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, Edição crítica acompanhada de introdução, comentário, variantes e glossário, 3 vols. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- J. J. **Nunes** (1932), *Cantigas d'Amor dos Trovadores Galego-Portugueses*, Edição crítica acompanhada de introdução, comentário, variantes, e glossário. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Álvaro Júlio da Costa **Pimpão** (1979), *Obras Completas de Gil Vicente* (Coordenação do texto, introdução, notas e glossário de Costa Pimpão). Nova edição, revista. Porto: Liv. Civilização.

- Manuel **Said Ali** (1931), Gramática Histórica da Língua Portuguesa, 7ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Melhoramentos, Liv. Acadêmica, 1971.
- Rosa Virgínia Mattos e **Silva** (1989), Estruturas Trecentistas. Elementos para uma gramática do Português Arcaico. Maia: IN-CM.
- Carolina Michaëlis de **Vasconcelos** (1920), "Glossário do Cancioneiro da Ajuda", Revista Lusitana, XXIII, Lisboa, pp. 1-95; (1990), Cancioneiro da Ajuda, Reimpressão da edição de Halle (1904), com prefácio de Ivo Castro e glossário das cantigas (Revista Lusitana, XXIII). Lisboa: IN-CM.
- Edwin **Williams** (1938), Do Latim ao Português. Fonologia e Morfologia Históricas da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- Maria Francisca **Xavier et alii** (1999), Dicionário de Verbos Portugueses do século 13. Lisboa: UNL.